

“QUE PAÍS É ESTE?”: O *CORTIÇO* REVISITADO

Elisabeth Batista

Entre as atribuições da crítica está a de encontrar um interesse novo em um objeto, cujo eixo volta-se para representações literárias nada recentes. A literatura, como sabemos, é uma recriação verbal da realidade através da imaginação do artista e, portanto, uma forma particular na relação sujeito (autor) objeto (obra) de conhecimento na articulação de uma visão de mundo. O objetivo que determina a leitura revisitada a esta obra é dar relevo ao que foi representado de forma inovadora na época, instaurando um novo modo de narrar o cotidiano e a vida social, razão pela qual se justifica o interesse contemporâneo da leitura.

A literatura do século XIX presencia o declínio do Romantismo face à nova visão cientificista e esta visão caracteriza um novo modelo literário: Realismo/Naturalismo, em que o “objeto” de especulação literária passa a ser a realidade social. A produção literária de então capta as importantes mudanças sociais que afetam significativamente a mentalidade brasileira.

Neste sentido, o ponto de vista Determinista foi, junto com o Positivismo e o Darwinismo, uma das mais importantes tendências desse novo fazer literário, pois, para a mentalidade da época, o conhecimento racional e experimental encontrava-se em franca evidência. Assim, **era (!)** o ideal de cientificidade baseado na idéia de que a ciência é uma representação da realidade tal como ela é em si mesma.

Durante certo tempo, julgou-se que a ciência, como a sociedade, evolui e progride. Neste sentido, evolução e progresso eram princípios muito recentes para a época – datam dos séculos XVIII e XIX - e muito aceitos pelas pessoas. As noções de evolução e de progresso partem da suposição de que o tempo é uma linha reta contínua e homogênea. O tempo seria uma sucessão de instantes, momentos, fases, períodos, épocas, que iriam se somando uns aos outros, acumulando-se de tal modo que o que acontece depois é o resultado melhorado do que aconteceu antes. Contínuo e cumulativo, o tempo seria um aperfeiçoamento de todos os seres – naturais e humanos.

Na altura, a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, acolhida com enorme entusiasmo, contribuiu para o surgimento e o sucesso do movimento Realista na Literatura Brasileira, podendo mesmo ser considerada o marco deste movimento e *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, que inaugurou o estilo naturalista no Brasil.

Dentre as obras aluisianas, *O Cortiço*, com uma escrita fortemente vinculada ao determinismo, é a que manifesta de forma mais fiel o ideal naturalista. Baseado na literatura de Emile Zola, pensador francês, maior representante e fundador do movimento, Aluísio descreve o desenvolvimento das ações em grupos marginalizados, enfocando o homem preso às leis sociais, físico-biológicas e à hereditariedade, alienado, determinado, sem perspectiva e caracterizado pela marcante animalidade representada nas personagens de *O Cortiço*, em que os atos das personagens ficam reduzidos aos instintos e às necessidades vitais.

São muitas e variadas as leituras feitas sobre a obra naturalista de Aluísio Azevedo. Contudo, nesse trabalho, enfocamos o meio como fator primordial, na medida em que adquire contornos de uma matéria-prima determinante na metamorfose das personagens.

Para tanto, realizamos uma reflexão articulada em dois momentos. No primeiro, serão revisitadas as correntes filosóficas e literárias que reverberam de forma significativa na produção literária do período em que se deu a concepção da obra objeto da pesquisa. O segundo momento traz, primeiramente, uma retomada com a síntese do enredo para retomar aspectos

relevantes e, na seqüência, a análise das principais personagens desta produção literária, evidenciando-se, assim, a influência determinante do meio no processo de animalização das personagens na obra.

NATURALISMO: UM NOVO MODO DE NARRAR O COTIDIANO E A VIDA SOCIAL

Determinismo: as implicações científicas na interpretação do mundo.??

Hipolyte Taine, teórico francês, criador da Teoria Determinista, conseguiu oficializar o conjunto de idéias que já não mais causavam espanto ou escândalo à mentalidade do século XIX, mas tornavam-se cada vez mais comuns. Em *História da Literatura Brasileira* encontramos:

Interessavam-lhe os fatos, concretos, “positivos”, suscetíveis de análise e experimentação, de forma que, com base no bom senso, se procurasse saber, não o “porquê”, ou o “quê”, ou “para quê”, mas o como dos fenômenos reais. (MOISÉS, 1984, p. 14)

É isto o que importava para os deterministas, uma vez que determinado fato somente passaria a ter importância caso pudesse ser submetido à experimentação, à observação, à elaboração e à confirmação de teses. Deste modo, os demais eventos que não pudessem ser submetidos a esta análise pormenorizada, não lhes serviriam como objeto de análise. O novo saber, inaugurado pelo surgimento das ciências modernas do século XVIII, deu oportunidade a um grande progresso científico e tecnológico, trazendo conseqüentemente, no século seguinte, o melhoramento industrial e mecânico, a descoberta de novas fontes de energia como o vapor, o petróleo, o gás e a eletricidade. Taine vivenciou essa grande revolução científica que modificou as idéias e a vida em todos os aspectos. **Observou** que o progresso humano era a representação de um jogo previsível de causa e conseqüência que, na linguagem comum, é chamado de destino. Ciência que tem o ser humano como objeto. Vale lembrar que o homem como objeto científico é recente, data do sec. XIX. Antes só a filosofia estudava o homem.

Assim, Determinismo foi a palavra usada como título da Teoria de Taine, que se completa com os pressupostos de algumas teorias como Evolucionismo, do inglês Charles Roberto Darwin, que revolucionou o pensamento sobre a origem das espécies, afirmando ser o homem, como os demais animais, resultado da evolução de outros seres inferiores e microscópicos que sofreram transformações biológicas ao se debaterem na luta pela sobrevivência diante dos predadores, ou para adaptarem-se às condições do ambiente, conseguindo gradativamente novas aptidões e formas físicas que passam às gerações posteriores pela transmissão hereditária em que só as melhores características se afirmam.

Taine baseia-se ainda no Positivismo desenvolvido principalmente pelo filósofo francês Augusto Xavier Comte, propondo uma sistematização e racionalização do conhecimento humano num conjunto lógico que admite apenas os fatos concretos, positivos, suscetíveis à análise e à experimentação e que refuta os de cunho teológico ou metafísico por não poderem ser submetidos à observação empírica palpável, material e visível.

Desta forma, o Determinismo caracteriza-se como um conjunto de idéias que combina o espírito racional positivista e a definição biológica dos fenômenos sociais numa

confirmação experimentada, porque coloca os atos emocionais e as decisões racionais do homem sob as diretrizes originais e primárias da hereditariedade, do meio físico e do momento histórico.

O pesquisador Taine é mais conhecido por suas observações e pela elaboração de leis sociológicas que explicam a vida do homem através dos fatores raça, meio e momento histórico. Ele considera que o homem é subjugado pelo destino e que está sujeito a um determinismo fatal, desde a sua origem até o final da vida, pois, segundo ele, tudo o que existe tem uma causa e não existe a escolha pela liberdade, mas pela necessidade. Nesse ponto, define-se que necessidade é aquilo que tem de ser, porque leis físicas naturais regentes da matéria determinam que aconteçam fatos que não podem deixar de ocorrer.

Podemos observar ainda o seguinte:

O Homem deixava, assim, de ser o centro do Universo e medida de todas as coisas, como pedia o Romantismo egolátrico, para se transformar numa engrenagem do mecanismo cósmico e natural, com funções análogas às das outras peças, pertencentes ao reino animal, vegetal ou mineral. (*idem*, p. 16)

De fato, esta teoria se evidencia na produção literária do século XIX, em que não poderia faltar a tese que os deterministas propunham comprovar. Em seus escritos, as pessoas assumirão as formas, os hábitos e a natureza comuns que vão se rendendo ao jeito do lugar. Sem escape, acabam por atestar que as necessidades fisiológicas ou primárias do homem sempre predominam e se sobrepõem aos aspectos espirituais.

Como se sabe, a formação da Literatura Brasileira é recente e para se entender qualquer movimento literário brasileiro, faz-se necessário um retorno aos seus primórdios, uma vez que, desde o início, a literatura no Brasil caracterizou-se por uma luta entre a tradição importada da Europa, em que surgem e se desenvolvem os movimentos e linhas filosóficas, com cultura e realidade diferentes, e a busca da tradição local. Conforme afirmado em *Formação da Literatura Brasileira*:

O ambiente para a produção literária nos meados do século XVIII era, no Brasil, o mais pobre e menos estimulante que se pode imaginar, permanecendo a literatura, em conseqüência, um subproduto da vida religiosa e da sociabilidade das classes dirigentes. Neste sentido, as Academias foram a expressão por excelência do meio e dos letrados, sendo uma espécie de coletividade ao mesmo tempo autora e receptora da subliteratura reinante, - pois tratava-se de subliteratura não apenas pela qualidade estética inferior dos espíritos nela envolvidos, mas, ainda, pela deturpação da beleza e da coerência que foi o Cultismo português na sua fase final. (CÂNDIDO, 1975, p. 73)

A produção literária deste período, canal de expressão de um ambiente que não fora propício para o desenvolvimento de uma literatura nacional de reconhecida qualidade, precisava libertar-se do modelo de produção literária importado até então da Europa. Esta produção, tida como subproduto das classes ocupantes do ápice da pirâmide social brasileira, passaria então a incorporar elementos da realidade brasileira em busca de sua auto-afirmação como literatura representativa de uma genuína identidade literária nacional.

É neste sentido que o poeta barroco Gregório de Matos, apesar de sua produção literária ainda ser uma imitação do modelo europeu, contribui para o surgimento de uma literatura nacional. Tal afirmação só acontece definitivamente no Romantismo, quando os escritores brasileiros utilizam-se da figura do indígena em substituição ao herói medieval. Além

do mais, o enfoque nacionalista é predominante como busca de uma identidade literária para o país. Contudo, em dado momento, os ideais românticos não se mostram mais capazes de atender às novas aspirações da sociedade do final do século XIX, que frente às diversas transformações ocorridas, passa a exigir um novo modelo de produção literária. Acerca disto, destacamos as seguintes palavras:

Apenas deveríamos acrescentar que “o movimento subterrâneo que vinha de longe” se originava nas contradições da sociedade brasileira do II Império, que os compromissos do período romântico já não bastavam para atenuar. [...] Há um esforço, por parte do escritor anti-romântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos, das pessoas. E uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século. (BOSI, 1994, p. 166-167)

A sociedade brasileira desta época presencia o declínio do Romantismo, pois a Burguesia, o Clero e o Trono, instituições julgadas decadentes, mostram-se incapazes de atender aos **reclamos** dos novos tempos que **reclamam** novos sentidos. A Revolução Industrial, o Movimento Abolicionista, o Cientificismo, são determinantes neste processo. O “movimento subterrâneo” citado pelo teórico refere-se à escola Realista/Naturalista, que surge justamente com o propósito de buscar o máximo de objetividade na fotografia da realidade.

O sonho romântico de uma identidade literária nacional vê seus maiores frutos no Realismo/Naturalismo. Este estilo surge em decorrência de uma revolução nas idéias e na vida da conhecida geração do materialismo.

As linhas gerais de um sistema ideológico baseado no cientificismo racionalista do século XIX são expressas com maior ênfase no Naturalismo que se diferencia do Realismo em vários aspectos. Esta diferenciação torna-se evidente:

Quando a preocupação pela análise se aguçar, sobretudo levando em conta os comportamentos hereditários [...] estaremos na esfera naturalista. Se no caso do romance realista podemos falar em visão estética, no do naturalista a visão se torna acentuadamente científica; o romance assume caráter experimental [...] (MOISÉS, 1984, p. 40)

Notamos claramente estas diferenças, pois enquanto os escritores realistas retratam estreitamente a vida, retirando seus assuntos da realidade social de modo objetivo, fotográfico e documental, os naturalistas baseiam-se na observação e experimentação, no tratamento para diagnosticar os males causadores do declínio da sociedade capitalista, tornando-se este movimento uma expressão exagerada em relação à escola realista.

O pensamento racionalista espalha-se por todo o mundo. E, em Portugal, destaca-se o Realismo de Eça de Queirós com o romance *O crime de Padre Amaro*. Este autor influencia fortemente a produção literária do Brasil da época. Alguns autores, também arraigados ao modelo de Eça de Queirós, excedem a linha realista e introduzem o Naturalismo em nossa literatura. Nesta visão naturalista, na concepção de Candido (1993, p. 123) “a obra era essencialmente uma transposição direta da realidade, como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito em face do objeto puro”.

Produz-se então uma grande obra, que foi largamente aceita, já que o momento era propício ao empenho dos naturalistas de mostrar publicamente a realidade, revelando os problemas da sociedade capitalista da época de maneira direta, objetiva e detalhada. No Brasil, O

Cortiço, de Aluísio Azevedo, publicado em 1890, representa os aglomerados humanos nos grandes centros, e os pressupostos científicos do século XIX são transplantados para a obra literária, numa tentativa de comprovar o fracasso do capitalismo e a decadência do modelo social burguês, que não atendia aos anseios do povo.

A obra de Aluísio Azevedo expressa mais do que qualquer outra, o ideal naturalista de definir o comportamento humano pelo método científico, enfocando-o como animal determinado por instintos, pelo meio em que vive, e com isso alcança grande projeção nacional e independência literária.

UMA VISÃO FATÍDICA DO SER HUMANO

O enredo: constante processo de metamorfose

A produção literária de *O Cortiço* segue fielmente as tendências naturalistas e, de acordo com Candido (1993, p. 152) “desejou uma narrativa empenhada, cheia de realidade, e que no Brasil contribuiu de maneira importante pelo fato de ter dado posição privilegiada ao meio e a raça como forças determinantes”.

É justamente este determinismo, tão marcante nesta obra, que se procura destacar. A posição de privilégio dada ao meio é uma constante dentro de uma produção naturalista, e os demais elementos, de uma narrativa empenhada e que seja cheia de realidade, também se fazem presentes.

(De acordo com) Flora Süssekind, no ensaio *Tal Brasil, Qual Romance?* afirma o seguinte:

À literatura, dentro de uma estética naturalista, se dá uma embalagem transparente através da qual se veja não um texto, mas um conceito indiscutível de realidade; não diferenças, mas continuidades e analogias. [...] Quanto mais “tal e qual” parecer um texto, maiores são os elogios que recebe se avaliado pelos padrões de uma estética naturalista. (SÜSSEKIND, 1984, p. 101-102)

Esta produção aluisiana torna-se referência de um estilo literário não somente pela qualidade do texto, mas principalmente pela capacidade produtiva de seu autor, que a produz conforme preconizava os padrões estéticos naturalistas. Aluísio, em seu exercício intelectual, é de extrema eficiência, pois ao trazer para o campo das representações artísticas esse tipo de aglomerado humano em seu texto, o faz de maneira tão precisa, tão objetiva, possibilitando a seu leitor uma leitura simples e transparente da realidade, sem distorções e ambigüidades próprias do ficcional.

No enredo da obra em questão, suas habitações não podem ser consideradas casas, ao contrário, elas são tudo o que uma casa não deve ser. O que se espera de uma moradia é que forneça abrigo, isolamento e privacidade; elementos indispensáveis para que se viva dignamente.

Seus habitantes não se sentiam abrigados e preservados, nem sequer dispunham de um mínimo de privacidade. A vida particular de um morador era conhecida por todos e suas ações podiam ser observadas pelos demais. O ambiente cortiçal permeava até mesmo o interior de cada casa. Esse espaço, considerado bem de raiz é essencial para que o indivíduo se mantenha seguro. Na realidade, para diversas culturas a casa é comparada simbolicamente à imagem da mãe, do aconchego, do amparo, para onde, no fim do dia, sempre recorremos a ela.

As personagens da obra, contudo, não podiam recorrer às suas moradias nas aflições, pois sabiam que nelas não encontrariam paz para aliviar as tensões do dia. As habitações construídas no cortiço foram despersonalizadas para dar lugar a um aglomerado e o papel que as casas exercem é contrário ao que deveriam exercer, em vez de segurança, expõem seus moradores ao profundo desabrigo, não só de corpo, mas, sobretudo, de albergue para a alma.

A construção da imagem d'*O cortiço* é caracterizada à semelhança de uma habitação de abelhas, nascido a partir da ambição de João Romão cujo enriquecimento, conforme Cândido (1993, p. 127) “é feito à custa da exploração brutal do trabalho servil, da renda imobiliária arrancada ao pobre, da usura e até do roubo puro e simples, constituindo o que se poderia qualificar de primitivismo econômico”. Este, após a volta do patrão para a terra natal adquire todos os seus bens, aproveita-se da morte do companheiro de Bertoleza, a quitandeira mais “afreguesada” do bairro, conquista-lhe total confiança a ponto de tornar-se seu tutor e seu amante, explorando seus bens, sua força de trabalho e também seu corpo.

Com o aumento do cortiço, cresce também o número e a variedade de pessoas que vinham em busca de habitação barata e mais próxima de seus trabalhos. Entre elas haviam lavadeiras, mascates, operários, costureiras, prostitutas, homossexuais e mendigos que juntas produziam grande barulho e muitas confusões. Viviam na sujeira, num ambiente imundo onde predominavam os vícios e as necessidades básicas como comida, diversão e sexo eram as principais preocupações diárias. É o que vemos neste fragmento extraído da obra em questão:

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela unidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco (p. 27)

O cortiço se personifica, passa a ter vida própria e esse ambiente vai determinar o comportamento das personagens. Assim, as ações dos moradores do cortiço podem ser comparadas às partes de um único ser vivo, porque agem em conjunto e são condicionados ao meio, e desse ambiente desregrado não podem se desvencilhar. Observa-se que a coletividade suprime os anseios individuais que ali não encontram forças para se manifestar. As personagens agem apenas por instintos, influenciando uns aos outros sob o regime das leis físicas.

Neste sentido, o cortiço vive e sofre com os que chegam em busca de refúgio e sobrevivência. É foco de intrigas, sujeiras e maldades tanto dos próprios moradores como dos que com ele tinham algum vínculo.

A obra evidencia também no país em transição, na passagem do Império para a República, um contraste entre a aristocracia burguesa e o proletariado, o que é visto na constante luta entre os representantes dessas classes. João Romão representa o proletariado e dele se aproveita para conseguir uma posição na classe burguesa. Este vê em Miranda a oportunidade de fazer parte da aristocracia.

Essa oportunidade apresenta-se quando João Romão percebe que somente o dinheiro não lhe seria suficiente para viver na condição de aristocrata. Era essencial para isso maior visibilidade social. Então, com o apoio de Botelho, velho português arruinado que procura sobreviver da caridade da família de Miranda, tenta casar-se com Zulmira, filha de Miranda e, a partir daí, persegue este intuito. Desse momento em diante, antevisionando o seu ingresso na aristocracia, engendra uma grande metamorfose ao procurar mudar seus hábitos higiênicos e culturais, deixando para trás seu modo de vida anterior.

A vida no cortiço prossegue e ali chega um novo morador, Jerônimo, um imigrante luso que vem **para qualificado para o trabalho** na pedreira. Vem justamente porque tinha bons méritos, já que fisicamente preenchia todos os requisitos necessários para o cargo que iria ocupar, pois era muito forte e exercia uma grande autoridade no comando dos demais trabalhadores. Mas o meio também vai determinar suas ações. Logo se adapta à coletividade do cortiço, passando a agir semelhante aos outros habitantes, adquirindo destes não somente a amizade como também seus costumes, vícios, moléstias, acabando por perder os vínculos e a cultura da terra natal.

Piedade, sua esposa, ao se ver desprezada pelo marido, não resiste à pressão do lugar no qual está inserida e se entrega a mais terrível e deprimente das condições que o ser humano pode chegar: a inconsciência dos próprios atos e a prostituição involuntária, devido ao seu estado de embriaguez. O que é comprovado pelas palavras do narrador:

[...] começou a afundar sem resistência na lama do seu desgosto, covardemente, sem forças para iludir-se com uma esperança fátua abandonando-se ao abandono, desistindo dos seus princípios, do seu próprio caráter [...] (p. 191)

Jerônimo e Piedade tornam-se parte do organismo principal, pois são vitimados pelo instinto e pela força ambiental. Isto é observado no triângulo amoroso **formado por** Jerônimo, Rita Baiana e Firmo. O português vê-se envolvido pelo fascínio e o feitiço da mulata que, mesmo estando com Firmo, usa todo seu poder de sedução para atrair cada vez mais Jerônimo, fazendo com que ele perca a cabeça e acabe por praticar homicídio e eliminar o concorrente.

Uma outra personagem cujo comportamento é inteiramente determinado pela ambiência do cortiço é Pombinha, constituída como um ser frágil em cuja constituição, pelo menos, até os 18 anos não apresentava a maturidade fisiológica para o ingresso na vida reprodutiva, desde cedo é estimada e adorada pelos moradores. Pombinha em sua função de escrever cartas a pedido dos habitantes do cortiço, capta a fragilidade emocional dos “machos” diante das “fêmeas”, fragilidade que explorará muito bem depois, na medida em que percebe a reação dos homens que perdoam humildemente as infidelidades das esposas, demonstrando com isto, toda a sua vulnerabilidade emocional e psíquica diante da astúcia destas.

Neste percurso, o fato se agrava com o estreitamento da amizade entre Pombinha e Leónie, uma cocote que se prostitui para ganhar a vida. Esta passa a exercer grande influência sobre a garota, fazendo com que ela se renda ao fascínio ilusório daquela vida, superando a mestra na arte de seduzir, manipular e explorar sexualmente seus parceiros. O círculo vicioso tende a continuar, pois Pombinha já atrai a filha de Jerônimo e Piedade, que se encontra em estado de orfandade, na medida em que testemunha a desagregação familiar. Esta acaba por encontrar na prostituição e promiscuidade uma forma de sobrevivência, na medida em que toma gosto pelo ofício de se dar em aluguel.

Enquanto isso, João Romão tendo como foco, o intuito de alcançar uma posição na alta aristocracia, vê na Bertoleza um empecilho à realização dos seus propósitos imediatos. Na medida em que Bertoleza não era mais necessária ao seu novo projeto de vida, posto que, representava toda a vida miserável que o vendeiro dispunha em tempos nada distantes. Assim, estuda formas de eliminá-la, para isso conta com a ajuda de Botelho que tinha um antigo preconceito pelos escravos. Surge a idéia de devolvê-la ao antigo dono. Bertoleza, entretanto, na iminência de ser assassinada, vive constantemente apreensiva e angustiada, no entanto, jamais desconfia que seu grande amor havia lhe enganado desde o princípio e muito menos que a devolveria à escravidão da qual imaginava ter-se libertado. Magoada e decepcionada, a negra

encontra no suicídio a liberdade que nunca possuiu em vida. Com a morte de Bertoleza, o incêndio do cortiço e a aristocratização de João Romão, o cortiço sofre uma grande evolução, passando a ser chamado de Avenida São Romão. Juntamente com este título, ganha outros ares e já não cabe mais ali a miséria, a sujeira, os barulhos, os vícios, as confusões e a prostituição dantes. Todas estas características agora se concentram no cortiço Cabeça-de-Gato que decaía à medida que o outro evoluía. Assim como na vida de João Romão, no novo ambiente do cortiço agora moravam pessoas idôneas e de boas origens, enquanto no cortiço Cabeça-de-Gato viviam aquelas de situação inferior.

O projeto ficcional de Aluísio articula-se no estreito diálogo entre ficção e vida social, no qual o homem, enquanto *persona* ficcional vai ser tratado do ponto de vista experimental. Neste contexto que prima pelo método e pela cientificidade, o homem vai ser estudado a partir do modelo hipotético-dedutivo. Buscava, desta maneira, por meio da representação artística as leis causais necessárias e universais para os fenômenos humanos.

O meio: elemento decisivo na personalidade das personagens

As personagens da obra foram criadas após o autor ter entrado em contato com as diversas tendências cientificistas que se desenrolavam em sua época. Desta forma aproveita-se destes conhecimentos e do momento propícios que a realidade brasileira favorecia para desenvolver a corrente naturalista do Brasil, já que o país vivia e sofria grandes transformações naquele período de transição.

Percebemos na obra de Aluísio Azevedo, o crescimento industrial e a decadência social na propriedade do cortiço de João Romão: na visão da multidão de moradores que chegavam a cada dia no cortiço, fazendo prosperar os pequenos comerciantes; na luta contra a existência da escravidão vista através da personagem Bertoleza; nos grupos abolicionistas que aparecem à porta de João Romão no final do romance e na chegada dos imigrantes, principalmente portugueses, em busca de novas perspectivas.

A obra de Aluísio Azevedo é um livro que, segundo Cândido (1993, p. 132) “dá grande importância à natureza, mas concebida como meio determinante, à moda naturalista”. *O Cortiço*, diferentemente da primeira obra naturalista de Aluísio Azevedo, é bem recebido pela crítica por ser um romance bem construído e mais tarde, é conquistador de grande público, sendo hoje visto pelos melhores críticos como a mais representativa obra do estilo naturalista no Brasil.

Selecionamos, para examinar com maior profundidade, as seguintes personagens femininas da obra: Pombinha e Bertoleza, que apontam com mais nitidez para a hipótese de que o meio pode ser determinante no processo de animalização em *O Cortiço*. Para Cândido (1993, p. 145) “a animalização aparece como redução voluntária ao natural, ao elementar comum, que nivela o homem ao bicho”.

À medida que as personagens vão se integrando ao meio, dá-se início a um processo de transformação que culmina com a total descaracterização, não só física, mas principalmente psicológica, das mesmas, que passam a ser comparadas a animais, deixando de agir racionalmente e passando a agir pura e simplesmente de maneira instintiva, ou seja, de um modo animal, desprovido de qualquer indício de racionalidade.

Para que se possa compreender o processo de transformação pelo qual as personagens passam, é preciso que, antes de qualquer coisa, não se perca de foco a ótica naturalista pela qual a obra deve ser analisada, pois esta perspectiva nos ajuda a compreender o

mecanismo de *O Cortiço*, mecanismo este que, segundo Cândido (1993, p. 140) “é regido por um determinismo estrito, que mostra a natureza (meio) condicionando o grupo (raça) e ambos definindo as relações humanas na habitação coletiva”.

Pombinha: a continuidade cadeia da prostituição

Pombinha aparece na narrativa como a flor do cortiço, muito bonita, frágil, ingênua, com uma educação de menina rica. Em tudo contrasta com os demais habitantes do cortiço. Não lhe é permitido lavar e passar roupas, serviços básicos que as mulheres fazem quase ininterruptamente, parando, praticamente, somente aos domingos e feriados.

A menina tinha seu noivo, João da Costa, que todos tratavam com grande respeito porque lhe atribuíam um ótimo futuro econômico e era através do noivo que a família de Pombinha, composta por ela e pela mãe, esperava retornar ao antigo círculo social que havia perdido pela falência dos negócios e conseqüente suicídio do chefe da família. No entanto, havia um obstáculo para a realização do casamento de Pombinha e João da Costa. Apesar da idade de dezoito anos, a garota ainda não tinha menstruado, e a mãe, a velha D. Izabel, mesmo vivendo na penúria e no desgosto, esperava ansiosamente que Pombinha se tornasse moça para só então casá-la. Fazia tudo isso porque era muito religiosa e achava errado entregar a filha a um casamento sem ainda ser “mulher de verdade.”

Entretanto, de meiga e sensível menina, Pombinha ia se transformando em “serpente” tão lentamente que não se podia perceber no seu interior. Isso acontecia devido à sua profissão de escriba, conforme assinalamos anteriormente, os moradores do cortiço faziam dela uma confidente, acabavam por imprimir na donzela a impressão de toda sorte de problemas, vícios, paixões desenfreadas e ressentimentos de suas vidas desregradas, como afirma o narrador: “[...] a pobre rapariga ia acumulando no seu coração de donzela toda a súpula daqueles ressentimentos às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro em dias de grande calor.” (p. 65).

Pombinha, influenciada pelo ambiente em que vivia e pela sedução da vida que levava a “depravada” Leónie, prostituta requisitada pela alta sociedade, toma definitiva consciência da força e do poder de sedução da fêmea diante da dependência e vulnerabilidade do “macho”, escravizado pela delicadeza e pelo enorme poder sedutor do sexo feminino.

Leónie, uma espécie de ídolo dos moradores daquele aglomerado, justamente pela maneira “fina” como se portava, as roupas de boa qualidade que usava, a situação econômica privilegiada, utiliza deste subterfúgio para aproximar-se de Pombinha e aproveitando-se da ingenuidade da moça, a atrai à sua casa juntamente com sua mãe, D. Izabel. Lá, Leónie embebeda a mãe da garota, que vem a pegar no sono, e leva a pura donzela, Pombinha, para seu quarto, com quem mantém uma relação sexual homoerótica. A partir deste episódio marcante, Pombinha transforma-se completamente e até mesmo seu grande desejo se realiza, a chegada da menstruação, como que inter-relacionada e provocada pela experiência sexual. Este acontecimento é descrito de maneira espetacular e simbólica, prenunciando o destino posterior da “mais nova mulher que se formava para o mundo”. (p. 135).

Para Pombinha, o noivo agora se mostrava fraco, inferior. Sua inteligência era limitada, não tinha ambições para o futuro, e ela, completamente cega e deslumbrada com a sua descoberta, sente agora repugnância por João da Costa chegando a rejeitá-lo. Se não fosse pela mãe, o casamento nunca se realizaria. Porém, por meio da onisciência do narrador é revelado o destino do casamento da personagem e também o futuro:

E na sua lama enfermiça e aleijada, no seu espírito rebelde de flor mimosa e peregrina criada num monturo, violeta infeliz, que um estrume forte demais para ela atrofiara, a moça pressentiu bem claro que nunca daria de si ao marido, que ia ter uma companheira amiga, leal e dedicada; pressentiu que nunca o respeitaria sinceramente como a um ser superior por quem damos a vida; que nunca lhe votaria entusiasmo, e por conseguinte nunca lhe teria amor [...] (p. 141)

Pouco tempo durou o casamento, a recém casada não suportando o marido, arranjou vários amantes e, com o fim do enlace matrimonial, após a morte da mãe, a nada pura Pombinha passa a morar definitivamente com a “madrinha”. Logo brilha na nova profissão como se durante toda vida tivesse sido preparada para exercê-la. Pombinha consegue fugir do ambiente deprimente e nocivo que paira no cortiço, entretanto, não escapa da influência perniciosa que recebeu durante o longo tempo que viveu lá.

O ciclo da prostituição não pararia nas duas “cocotes”, Leónie e Pombinha, porque Juju, a pequena afilhada de Leónie, e Senhorinha, a filha de Jerônimo e Piedade, estão sendo muito bem preparadas pelas duas prostitutas, assim como Pombinha o foi. Juju, mesmo tão pequena, desperta a atenção dos habitantes do cortiço, porque se veste com roupas e acessórios espalhafatosos igualmente à madrinha, tão admirada por todos do cortiço. Os pais da menina, cegos na sua ignorância, sentem-se felizes e orgulhosos ao exibirem a filha aos amigos e vizinhos. A situação de Senhorinha joga-a ao encontro da Pombinha, porque a menina é praticamente órfã de pai e mãe, pois o pai a abandona e a mãe já não pode ser levada em conta, uma vez que perdeu quase por completo a própria identidade como ser humano. Senhorinha como até o nome sugere, tomará o lugar que foi de Pombinha no cortiço, e como não poderia deixar de ser, seguirá de acordo com a narrativa a trilha percorrida pela antiga “flor do cortiço” (p. 41).

À medida que Pombinha entra em contato com a sua própria sensualidade e se torna mulher, instruída pelo ofício de se dar, exercita seus dons para atrair e mensurar a “fragilidade” dos homens (CÂNDIDO, 1993, p. 145-146), torna-se uma verdadeira serpente, o que remete ao arquétipo bíblico da Eva, sedutora de Adão, e capaz de dominá-los, manipulá-los e conduzi-los conforme determina sua soberana e delicada mão feminina. Constata-se que a influência do meio é tida como fator preponderante na formação do indivíduo, mesmo uma aguda inteligência como a de Pombinha não escapa a essa poderosa força do ambiente em que o ser é formado.

Bertoleza: entre a escravidão hereditária e a ingenuidade

Escrava de nascimento, a personagem Bertoleza, consegue relativa liberdade de seu dono, um velho cego que mora em Minas Gerais, porém, por sua pouca independência, paga grande quantia por mês. O fato não a desanima, com seu trabalho de vendedora de comida, economiza para a alforria.

No seu percurso ficcional, o que a torna frágil é a submissão ao homem branco, herança cultural comum entre seres de sua raça, que viam no branco europeu superioridade perante os negros, uma vez que os brancos usavam-nas para todos os fins, inclusive para o sexual. A prática desse hábito, seguido pelo sexo masculino de geração em geração, fez com que escravas como Bertoleza, se submetessem ingenuamente, ao branco português, na ânsia de pertencer a uma raça privilegiada, libertando-se da escravidão hereditária.

Esta maneira de agir das escravas nesta condição, só fazia aumentar as correntes que as prendiam a um destino desgraçado, como exemplifica Bertoleza que inicialmente é “amigada” com um português e após a morte deste, se coloca nas garras de outro, o diabólico João Romão, que a transforma de mulher escrava em mulher-máquina (CÂNDIDO, 1993, p. 130). A negra aceita isso de forma ingênua e estúpida, pois passa o comando de suas decisões, de seus negócios, da sua vida para o inescrupuloso, amante, como pode ser visto nas palavras do narrador: “E por tal forma foi o taberneiro ganhando confiança no espírito da mulher que esta afinal anda mais resolvia por si só, e aceitava dele, cegamente todo e qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direto a João Romão”. (p. 16).

Vê-se, pelo enredo que estava traçado o destino infeliz da escrava, a qual entrega até mesmo suas sofridas economias para ao esperto companheiro. Em troca, recebe deste a mentira de que havia comprado a alforria, acredita piamente, passando daí em diante a exercer alegremente importante papel na escalada de sucesso econômico do seu “homem”. O que Bertoleza faz, é retornar sem perceber à condição de escrava, agora encoberta pelas diabruras de João Romão, que fazia a negra trabalhar mais que um animal de carga.

Bertoleza, na inocente crença de que estava garantindo o seu futuro, começa juntamente com o companheiro a roubar materiais de construção nas vizinhanças e neste ato fez-se tão hábil que jamais alguém desconfiou. Assim, foi mais e mais caindo em uma profunda escravidão, pior ainda do que aquela em que havia nascido.

A vida passava e ela não se asseava, não se arrumava, nem tão pouco tinha o mínimo de entretenimento e lazer, trabalhava inclusive aos domingos e feriados, sem descanso e dormindo pouco, estava sempre suja e nojenta. Como se depreende desta citação: “Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo [...]” (p. 146).

A negra condicionada ao seu isolamento social, sem amigos foi cega, pois nunca parou para analisar o verdadeiro caráter do vendeiro, não prestou atenção à ambição desvairada e à febre contagiosa por dinheiro que seu homem possuía. A quitandeira certamente achando-se forte, por viver com um homem branco, fato de que se orgulhava, supervalorizou-se, subestimando suas próprias necessidades. Essa atitude, por assim dizer, será o eixo que determina a sua desgraça e o seu fim natural, porque dominada por seu ego exaltado, nem mesmo reportou-se às tristezas vividas por suas irmãs de cor, sempre que se envolviam com homens brancos.

O destino trágico da negra se aproximava à medida que o sonho da riqueza de seu carrasco se realizada e isso acontecia rapidamente, como declara o a onisciência do narrador: “[...] à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira, João Romão subia e ela ficava cá em embaixo abandonada como uma cavalgada de que já não precisava para continuar viagem. Começou a cair em tristeza.” (p. 146).

João Romão, agora com a vida feita, com os bolsos cheios de dinheiro, grande maioria conseguido através da exploração da força de trabalho da negra, se dá conta de que o dinheiro não é tudo, ele quer mais. Quer pertencer à classe alta, tornar-se ilustre, que ser admirado como uma pessoa importante e influente e deseja ser visto como um nobre.

Com o mais recente objetivo formulado e, com os meios certos para obtê-lo, toma consciência de um entrave, de um grande e terrível obstáculo para sua realização, Bertoleza, uma vez que precisava, segundo Cândido (1993, p. 127) “liquidar os passos do passado para assumir uma posição nova”.

Deste momento em diante, o mundo da crioula começa a ruir. Seu amante engendra grande transformação nos próprios atos, muda a maneira de vestir, de comportar-se, aproveita bem a vida, participa dos eventos, achega-se aos vizinhos e para ela, Bertoleza, resta somente trabalho escravo agora juntamente com grande desprezo. Pior ainda é a sensação de traição e de perigo que passa a rondá-la.

A infeliz sofre terrivelmente o abandono do ex-amante, porém, apesar de desprezada, na sua eterna cegueira deseja-o desesperadamente como seu homem, como seu senhor. No entanto, a cada dia passa a ser odiada e desprezada como um inimigo terrível, como um diabo. Não tem mais utilidade para seu dono, serviu-o noite e dia sem reclamar, enriqueceu-o rapidamente com a força do seu trabalho jovem. Não obstante, já cansada, triste e maltratada, na época em que mais precisava usufruir seus longos anos de esforços e sofrimentos, vê-se enganada, roubada e o que é pior, na iminência de ser assassinada por aquele a quem deu as noites de sono, o lazer, a própria vida.

Bertoleza, não fosse a inconsciência e a degradante submissão a que se submeteu sempre, teria percebido o relativo poder que possuía para enfrentar o português no momento crítico em que estava. João Romão sentiu este poder e, pela primeira vez na vida, pode se dizer que ele ficou sem saída, ficou amedrontado diante do papel que a negra tinha em seus negócios, em sua vida. Foi preciso que o comparsa, Botelho, lhe arranjasse os meios de eliminar o obstáculo que, para ele, transformou-se temporariamente em problema sem solução.

A derrotada escrava vendo-se traída, humilhada e acuada frente às injustiças, à crueldade de seu homem, torna-se ainda mais inconsciente e ingênua devido ao desprezo que sobre ela recaía. Então, num instinto irracional, defronte a iminência de ser devolvida à família de seu antigo dono na condição de escrava que se encontrava antes de conhecer João Romão, põe fim à própria vida, deixando livre o caminho para seu companheiro. Para lidar com a rejeição e o sofrimento, a morte foi a única maneira que a negra encontrou para adquirir a liberdade, pois em vida jamais a conheceu.

O projeto ficcional de Aluísio afina-se com o estudo do humano como objeto de investigação. Esta opção epistemológica remonta ao século XV, a partir de onde, a investigação do humano realizou-se de três maneiras diferentes. Pelo Humanismo, no sec. XV – idéias renascentistas – dignidade do homem como centro do universo. Continua nos secs. XVI e XVII com o estudo do homem como agente moral, político e técnico-artístico, destinado a dominar e controlar a natureza e a sociedade, chegando ao sec. XVIII quando surge a idéia de civilização, isto é, do homem como razão que se aperfeiçoa e progride temporalmente por meio das instituições sociais e políticas.

O período do Positivismo: inicia no sec. XIX com Auguste Comte a humanidade atravessa três etapas progressivas, indo da superstição religiosa à metafísica e à teologia para chegar finalmente à ciência positiva, ponto final do progresso humano. Comte enfatiza a idéia do homem como ser social e propõe o estudo científico da sociedade.

Como resposta aos postulados positivista, por meio do seu projeto ficcional a obra de Aluísio Azevedo procura comprovar, via representação artística, que o comportamento do homem é condicionado pelo meio em que vive e por esse pressuposto não chegaria a diferenciar dos animais irracionais, uma vez que as ações realizadas pelos personagens do livro são sempre motivadas pelo princípio da instintualidade, ou seja, são impensadas e movidas pela compulsão egóica.

Essa animalidade é mostrada no romance pelas ações das personagens como Jerônimo, Pombinha e Bertoleza, as quais são representadas de tipos comuns sem perspectivas, alienados, agindo instintivamente, presos às necessidades do momento.

Aluísio não só compara os moradores do cortiço a animais, através de apelidos, como também faz uma elaboração artística que nos permite ver nas personagens, e ainda, na coletividade, os fenômenos evolutivos de um ciclo vital e a confirmação de que agem, basicamente, como simples animais na busca diária por satisfazer a voracidade de suas necessidades básicas imediatas.

Jerônimo é apresentado como chefe de família bem, educado e com bons hábitos que não consegue resistir às fortes influências do cortiço. À proporção que se entrega ao amor de Rita Baiana, vai sendo absorvido pela terra, de etapa em etapa, até a completa mudança da personalidade. Esta família é o modelo para pôr em prova o poder do meio sobre todos que ali vivem, pois nela recai a máxima imundície do lugar e as conseqüências são a degradação e até mesmo a morte.

Com Pombinha, Aluísio procura comprovar que as influências negativas do meio têm uma continuidade, à semelhança do aspecto físico e se impõe a qualquer tipo que venha a conviver naquele ambiente viciado da prostituição. Leónie é o foco central que envolve seqüencialmente as três representantes da cadeia da prostituição no cortiço, dando exemplo de uma continuidade maléfica que parece contaminar as demais. Sem qualificação profissional, adotarão a prostituição como ofício e como forma de obterem o seu sustento através dos machos.

Em relação à Bertoleza, vemos que ela é a encarnação daquela coletividade e o seu valor simbólico alcança extraordinária força ao se revelar pessoa explorada até a última gota, tendo contribuído de todas as formas para o enriquecimento do taberneiro para, em seguida, ser descartada por ele. É compelida, também por essa razão, a agir de forma irracional e acaba por suicidar-se em busca de liberdade, após a revelação de a sua condição de ser escrava encontrava-se irrevogavelmente mantida.

A obra *O Cortiço* rende a Aluísio Azevedo um lugar de destaque dentro de nossa Literatura. Uma produção ícone do estilo naturalista, em que seu autor demonstra nesta tão bem realizada narrativa que o meio pode ser fator determinante no processo de animalização de suas personagens e que tal fator também é determinante na fantástica construção da vida, ou seja, o ser humano é condicionado pelo meio em que vive e muitas vezes age instintivamente, à semelhança dos animais.

Assim, na medida em que a representação artística do espaço e da vida social na época do Império em transição para a República no Brasil apresenta-se perpassada pela animalização das personagens e a crueldade social articula-se como um eixo temático relevante da literatura naturalista, a representação do gênero feminino vem associada à concepção que se tinha da mulher no período medieval: ambígua e sedutora. Identificada assim, traduz o mal estar sintomático que marca a projeção do olhar masculino, seu oposto complementar, de acordo com a conceituação patriarcal e como um produto de práticas críticas institucionalizadas, bem como práticas da vida cotidiana. Para finalizar, ao seguir a trilha aberta pelo olhar do Aluísio Azevedo sobre o país em transição, sou da opinião de que será pela via da pesquisa e dos estudos do percurso da mulher que encontraremos uma chave interpretativa para o secular enigma que deixou em aberto a pergunta: Que país é este?

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. Ed. 42. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1975.
- _____. *O Direito à Literatura*. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*. Ed. 23. São Paulo: Cultrix, 1971.
- _____. *História da Literatura Brasileira*. Vol. III. São Paulo: Cultrix, 1984.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual Romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.